

"Brasília é construída na linha do horizonte. – Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. Nós somos todos deformados pela adaptação à liberdade de Deus. Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar, e depois o mundo deformado às nossas necessidades. Brasília ainda não tem o homem de Brasília. – Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insonia, vêem nisso uma acusação; mas a minha insonia não é bonita nem feia – minha insonia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. – Quando morri, um dia abri os olhos e era Brasília. Eu estava sozinha no mundo. Havia um táxi parado. Sem chofer. – Lucio Costa e Oscar Niemeyer, dois homens solitários. – Olho Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas. A hera ainda não cresceu. – Além do vento há uma outra coisa que sopra. Só se reconhece na cristação sobrenatural do lago. – Em qualquer lugar onde se está de pé, criança pode cair, e para fora do mundo. Brasília fica à beira."

Clarice Lispector. "Brasília: 1962".

ENSAIO-FICÇÃO

Apneia da Fragmentação

Peça dividida em "n" atos para ser encenada em __/__/__.

A peça se passa em um tempo descontínuo, presente remoto entre o passado e o futuro, onde pássaros raríssimos cantam a cada aurora do dia e adormecem em silêncio acordando na manhã seguinte e assim sucessivamente (mediante a audição de seus cantos ao início de cada ato).

Propõe-se poucos diálogos, priorizando-se as rubricas a fim de permitir maior desenvolvimento artístico-pedagógico do coletivo de atores envolvidos da peça. A peça é proposta para um grande elenco.

Alguns personagens não estão elencados abaixo e portanto não aparecem no decorrer da encenação. Não existe nenhuma razão especial para isso, em geral se deve ao fato de terem estado presentes apenas no prólogo, no período inicial da peça. Existe um vazio proposital de rota dramaturgica, como uma era mítica suspensa no tempo.

Não é clara a origem de cada personagem, sabe-se apenas que suas atuações são absolutamente interdependentes, sendo assim passam a peça toda em um jogo no qual a pergunta e/ou ação de um estimula a resposta e/ou ação do outro e assim por diante, sempre envolvendo o grande elenco.

Possivelmente outros personagens estão presentes neste jogo mas o autor tem desconhecimento sobre os mesmos, sendo assim estes não podem ser apresentados de modo verossímil ao leitor/ público.

O autor deixa uma última recomendação ao leitor atento, de ler esta ficção como se observasse a composição de um quadro, não porque acredite que com esta pintura dará conta de toda a história da arte, mas bem ao contrário, acredita apenas conseguir enxergar um efêmero, breve e quase invisível quadrante de uma grande tela.

Observação final: Esta peça não está terminada. Trata-se de obra aberta que pode ser finalizada por quaisquer pessoas que queiram dar continuidade à mesma (a partir da última frase escrita), assim como a peça também pode sofrer alterações na ordem das cenas, ou ainda receber a inserção de novas cenas que somem às já aqui apresentadas, modificando-se esta primeira proposta.

Elenco/personagens

A1

A2

A3

A4

A5

A6

A7

A8

ASS

AV

CEN

CES

COLEGAS

CP

Locações/cenários

Apartamento

Corredor

Lugar nenhum

Marginal Pinheiros

Marginal Tietê

Redondo

Sala de divisórias

Sala fechada

Teatro

NDA

Instâncias físicas e/ou conceituais

E

V

Sentimentos básicos

Amor, ternura, ausência existencial, tristeza, excitação, generosidade, calma, intensidade, prudência, indignação, paixão. Observação: Outros sentimentos poderão ser adicionados de acordo com cada personagem, proposição do ator e relação com o contexto da cena.

Atto

1

Prólogo

Locação: NDA

Luz âmbar sobe em fade-in

Ouve-se o canto dos pássaros raríssimos

Vê-se uma imagem idílica com o grande elenco suspenso (todos estão suportados por um fio preso ao teto de NDA) Pouco a pouco todos caem suavemente com asas coloridas abertas.

Luz desce me fade-out.

Cena 1

Plano aberto: a cena se passa em um trecho devastado de terra onde se ouve o murmúrio do vento em um som agudo e contínuo. O ambiente parece frio e inóspito.

Plano fechado: Sala fechada vazia.

Ouve-se o ranger da porta abrindo. Entra CES.

Corta.

Cena 2

Primeiro plano dos rostos de CP, CEN e CES.

Sala fechada

Os três atores abrem as agendas e pegam suas canetas em um gesto cotidiano. Se entreolham. Falam da vida durante poucos minutos. CES anota freneticamente qualquer coisa em um caderno, CEN ouve CP. Todos conversam e escrevem juntos durante algum tempo entusiasmamente. Os três devem se sentir plenos de energia e iniciam uma fértil discussão sobre meios e modos de produção, sobre educação, cultura, performance. Aparência saudável.

Toca o telefone. CEN atende e marca uma reunião para o dia seguinte pela manhã com E.

Cena 3

Marginal Tietê.

Cena ao fundo de uma manifestação que se encontra parada em uma larga avenida não longe dali.

CEN está dentro de um carro com um fone de ouvido falando com A3. Explica a situação à A3 que lhe diz que passa por uma situação semelhante na região de E.

Cena 4

Marginal Pinheiros

CES se encontra em situação idêntica à CEN na Cena 3. Fala com A4. (seguir as mesmas instruções da Cena 3, relacionando CES e A4).

Cena 5

Sala fechada - dia

CES conversa com E. Tomam café. Os dois personagens levam uma conversa agradável. São apresentados o funcionamento de V e de E. Toca o telefone. Ninguém atende. "E" conta que aquele era seu primeiro dia ali e que está disposto a ajudar no que for preciso. Ambos se servem de mais uma xícara de café e CES se dirige ao teatro.

Cena 6

Teatro - não fica evidente ao público se é dia ou noite.

Não há ninguém. CES então se dirige à Sala de divisórias no andar acima.

Cena 7

Sala de divisórias - dia

Música - sons que ecoam de um jogo de basquete

A7 e AV estão em grande animação. Vê-se uma cartolina imensa cheia de anotações. Participam desta cena CES, A7 e AV que discutem sorridentes o que estão preparando. Todos encenam algo utilizando objetos e sonoridades.

Cena 8

Lugar nenhum - noite

A4 telefona à CES. Explica que está em Lugar Nenhum junto a E. Este último diz que está com uma programação. A4 e CES mostram compreensão à situação pois observam que de fato E está disposto a fazer o impossível para acolhê-los naquela noite mas que de fato se vê sem saída. A4 se dirige ao corredor. AV segue A4.

Corredor - noite

AV e A4 iniciam com uma roda e conversam sobre a semana anterior, criam uma proposta para aquele dia no corredor tentando adaptar o programa criado em Sala fechada junto com CP, CEN, CES e A1-8.

Cena 9 - dia

Sala fechada

Encontram-se ASS, A 1-8 , CP, CEN, CES e Colegas.

Nota-se um sentimento de comunhão, todos os personagens se abraçam e cantam juntos durante aproximadamente 10 minutos. Em seguida ouve-se vozes dissonantes que ora se sobrepõem, ora apenas uma é ouvida, em seguida outra e assim por diante. Esse coro repete o jogo/partitura de comunhão e dissonância de vozes e abraços durante algum tempo, trazendo um mesmo ritmo para a cena.¹

Cena 10 - noite

Apartamento

¹ A Cena 9 pode ser repetida como uma partitura de ações e textos ao longo de todos os atos da peça sempre que o grande elenco democraticamente assim decidir. No geral ela obedece ao mesmo ritmo criado desde sua primeira aparição.

CES telefona a A6. Combinam um programa para o dia seguinte, discutindo calorosamente o que ocorrera com AV e E na semana anterior. Desligam o telefone. CES senta-se no sofá de seu apartamento, fecha os olhos. Em voz alta, como se dissesse para si mesmo, se dá conta do quão feliz está pois finalmente faz algo em que acredita, percebe que tem bons parceiros e que tudo vai bem. CES levanta, faz um chá. Toma o chá.

Cena 11

Sala fechada - dia

Encontram-se A1-8, CP, CEN e CES

Alguns se encontram deitados no chão, outros lêem um poema, outros dançam. Após algum tempo uma discussão é iniciada a partir das ações de cada um. Formam duplas, compondo o quadro cênico de modo aleatório, as vozes das duplas são ouvidas simultaneamente. As duplas se abraçam e se despedem, indo ao encontro de E.

Cena 12

Redondo - dia

Coro com A1-7, Colegas, E.

Todos dançam juntos, cantam, conversam sobre construção de subjetividades, parcerias entre a cultura e a educação, projetos de vida e traçam metas comuns para os próximos meses.²

Black-out

Cena 13

Locação: NDA - não se sabe se é dia ou noite

Luz âmbar sobe em fade in.

Aparentemente nenhum personagem ou cenário está em cena. No decorrer desta ausência de personagens, cenários e objetos é gerado no público um sentimento de vazio existencial que pouco a pouco se transforma em indignação porém,

² É desejável que os dramaturgos se preocupem em retomar esta cena em algum momento no decorrer dos próximos atos.

passado um breve tempo, um a um do Elenco vai adentrando a luz agora já a pino e um novo sentimento de paixão, intensidade, prudência e excitação começa a ser criado.

Longa pausa do grande elenco.

Luz desce em fade-out.

Breu - Suspensão do tempo

Atto

2

Luz sobe em fade-in.

Ouve-se o canto dos pássaros raríssimos.

Cena 1

Para ser continuada.³

³ Nota em 1ª pessoa: O que é a coordenação de equipe do Vocacional Interlinguagens dentro do Programa Vocacional? Me parece ser um exercício de criação, apreciação, orientação e convite à reflexão sobre nossas ações artístico-pedagógicas (algo que fui descobrindo e me apaixonando ao longo do ano), é o espaço para prepará-las coletivamente para em seguida colocá-las a teste, recriando-as novamente. O que importa enfim não é estar ali com os vocacionados? Mas estar como, qual o programa? O que é criado e mobilizado ali? O modo - forma e conteúdo - a partir do qual instauramos um processo junto aos vocacionados é construído desde aquela mesa de reunião às segundas de manhã. A fragilidade na qual entramos neste segundo semestre (tornando nossos encontros quase ocasionais) contaminou não só nossos anti-seminários e nosso programa coletivo mas também a orientação, naturalmente. É condição essencial a conexão entre a reunião artístico-pedagógica e a orientação nos equipamentos, é o que nos dá coerência. No entanto me parece que é justamente nesse momento frágil que nos é exigida uma dose extra de coragem. Como é o trabalho na ponta? O que é a ponta, onde começa? Acredito que o plano total da ficção não é um caminho linear, não existe uma única seta, uma única direção, enxergo algumas trajetórias neste plano. Nesse fluxo e anti-fluxo que criamos, são ainda esses colapsos meu combustível para continuar e é na tomada de consciência da ruína das formas caducas e esvaziadas de sentido, da fragmentação da nossa percepção, que podemos igualmente nos perguntar para onde vamos, o que queremos, o que nos pertence e quais nossos programas: nos deparamos assim com um solo fértil para ser refeito, com a capacidade de ser reconstruído. Se quisermos, podemos olhar e ver apenas a terra devastada ou então vislumbrar daí a mudança e a transformação. Isso me parece ser interlinguagem.

*O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.*

Alberto Caieiro